

na vida cristã e na piedade eucarística e mariana.

Teve de lutar dez anos para conseguir realizar a sua vocação, porque o seu confessor julgava que ela era necessária na casa paterna.

Como tomou este nome? Foi-lhe dado pela Madre Geral da sua Congregação das Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus, onde tomou o hábito, em 3 de Abril de 1927, porque ao descolar do Porto do Funchal, ela explicava à Madre os pontos turísticos desta linha cpaital de Distrito. No Alto do Monte sobranceiro a esta cidade, está o Santuário de Nossa Senhora do Monte, «donde a Virgem protege o bom Povo da Madeira e, mais acima, o Terreiro da Luta com a estátua de Nossa Senhora da Paz, circundada por um terço gigantesco «cujas contas são grandes rebolos, ligados por possantes cadeias de ferro, levados às costas desde o mar, pelo povo piedoso e penitente em procissão triunfal». A M.

Teologia Moral e Espiritual

SILVA, M. F. de Sousa, **Paternalidade responsável e Magistério**, Ed. Theologica. Cadernos Celebração Litúrgica n.º 1. 1 vol de 40 ps. 185×125. Braga 1980.

Este opúsculo é o 1.º de uma série intitulada «Cadernos de Celebração Litúrgica», que tem por fim pôr os leitores a par da verdadeira doutrina da Igreja, dando-lhe uma formação recta. O tema deste caderno é «escalante». O Autor, professor muito culto de Teologia Moral no Instituto Superior de Teologia de Braga (ISTB), mostra que é obrigatório aceitar os ensinamentos da Igreja sobre estes problemas, indicando, a seguir, os caminhos da paternidade consciente e as verdades necessárias para a aceitação desta doutrina. Termina por um bom estudo sobre a actuação pastoral, que se resume em três princípios: firmeza na doutrina, espírito de fé

Geral viu o entusiasmo desta postulante ao falar de N.º Sr.º do Monte e deu-lhe este nome, na tomada de hábito, porque correspondeu bem à sua vida de perfeição. Neste livro fala-se da sua vida no lar paterno, e na vida religiosa terminando por descrever o itinerário místico desta alma extraordinária. Faleceu em odor de santidade em 18 de Dezembro de 1963, deixando em todas as casas, onde trabalhou uma profunda impressão pela vida santa que levou.

Nesta biografia, descreve-se o que foi esta religiosa. Está tão bem escrita que o leitor não pára enquanto não a levar ao fim. Excelente livro para meter na mão das raparigas de hoje para que se entusiasmem com esta alma, que mostra como os grandes ideais da vida religiosa não morrem, mas continuam a florir, povoando a Igreja e o Céu de lírios e de Anjos de caridade.

Foi assim, a Irmã Maria do Monte. — José Arieiro

diante das dificuldades e a vida espiritual dos casados.

Escrito num estilo muito claro, deve este opúsculo estar na mão dos noivos, dos casados católicos e de todos os que trabalham no apostolado.

A doutrina é segura e está exposta com clareza.

Boa edição. — José Arieiro

ILLANES, José Luís, **La santificación del Trabajo**. Ed. Palabra. 1 vol. de 180 ps. 185×125. Madrid 1980.

Em 14 anos, este livro teve 6 edições, prova evidente da sua boa aceitação pelos leitores. A razão deste facto está na sua doutrina e no modo como o Autor soube expô-la.

Trata da riqueza teológica e ascética da espiritualidade do «Opus Dei» no que se refere ao trabalho e à sua santi-

ficação. A figura do fundador deste movimento «Opus Dei», Monsenhor José Maria Escrivá de Balaguer, impõe-se, cada vez mais, no mundo católico. «A sua vida, obra e mensagem ... constituem, na história da espiritualidade cristã, uma viragem, ou melhor dito, um capítulo novo e original» disse o Card. Sebastião Baggio, actual Prefeito da S. C. para os Bispos. Começa por mostrar como o trabalho é um tema recuperado pela teologia espiritual, para, a seguir, descrever o «Opus Dei» e a valorização do trabalho. No cap. III fala do «Opus-Dei» e a espiritualidade secular: trabalho, santidade e apostolado no meio do mundo.

Neste livro, encontra-se abundante e muito bom material para conferências, retiros espirituais e cursos de formação para trabalhadores de todas as classes. O Autor, apesar de novo (nasceu em Sevilha em 26 de Dez. de 1933), depois de se formar em Direito na Univ. de Sevilha, doutorou-se em Teologia, na Pont. Univ. Lateranense. Ordenou-se sacerdote em 1960, e dedicou-se ao ensino e à investigação teológica, orientando esta para a teologia fundamental e questões relacionadas com a teologia do mundo e a visão cristã da ordem temporal.

Por este trabalho se vê como Monsenhor Balaguer foi profeta, pois muitas orientações do Vaticano II já eles as tinha dado aos membros da sua Obra.

A edição é muito boa e está bem apresentada. — José Arieiro

MONTEIRO, António, **O homem, fonte moral objectiva na Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo**. Ed. Difusora Bíblica. 1 vol. de 168 ps. 160×230. Lisboa 1980.

Este estudo é um dos capítulos centrais da tese de doutoramento apresentada e defendida pelo Autor na Academia Alfonsiana, Instituto Superior de Teologia Moral da Universidade Pontifícia Lateranense, sob o título: «O homem fonte de Moral objectiva na Constituição Pastoral sobre a

Igreja no Mundo Contemporâneo». Este extracto já foi publicado na revista «Didaskalia» — Rev. da Fac. de Teologia de Lisboa Fasc. 9 (1979) 11-154. O Homem é o centro do Cosmos. Deus, quando criou Adão e Eva disse-lhes: Crescei e multiplicai-vos e enchei a terra e sujeitai-a e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves do Céu. Nesta Constituição estuda-se a visão dos Padres Conciliares sobre a fonte de moralidade. «A fonte objectiva central é o homem, e não o homem, num ou noutro aspecto, mas o homem todo, em todas as dimensões e no conceito, que a referida Constituição faz do homem, na sua globalidade» e em cada um dos aspectos a que alude o termo conciliar e no sentido que eles têm ali. O texto conciliar não exclui outras fontes de moral, de sentido mais tradicional, mas quer dizer que entre as fontes de moral objectiva a que se refere a Constituição Pastoral, o homem ocupa um lugar verdadeiramente central. Não se pode mais construir verdadeira moral sem ter em conta as normas morais, que procedem do próprio ser do homem e dos diferentes aspectos que o integram». (p 27). Assim o quis Deus, fonte original de toda a moralidade. Na ps 92 e 93, indicam-se as outras fontes de moralidade objectiva, mencionadas na Constituição. O Autor faz um estudo exaustivo sobre este problema, através das quatro redacções deste esquema e, depois, na redacção definitiva e na Constituição publicada: Aqui fala do homem fonte objectiva de moral na sua globalidade e dignidade, do homem como fonte de moral, o amor fonte de moral, a vida humana e a moral objectiva, a liberdade humana na origem da moral objectiva, os direitos do homem e a moralidade objectiva, a vocação do homem e a origem da moralidade objectiva, as situações concretas e históricas do homem e a moral objectiva.

Termina por uma conclusão e algumas consequências de análise a nível de atitudes morais da pessoa, de actividade pastoral, de investigação e ciência moral.

O Autor faz um estudo valiosíssimo sobre todos os aspectos, profundo, bem documentado, que fará muito bem